

Senna acha decisão certa

A transformação dos juros da dívida externa brasileira em novos empréstimos automáticos é "extremamente importante", porque evita grandes paralisações da atividade econômica, como ocorre durante as negociações do jumbo. A opinião é do Diretor do Banco Boavista de Investimentos, José Júlio Senna, que acredita serem os banqueiros americanos os únicos credores a se manifestarem contra a capitalização automática dos juros.

Para Senna, os bancos europeus e japoneses já aceitam a idéia de capitalização

automática, enquanto que os Estados Unidos consideram isso "inconcebível", porque os grandes banqueiros americanos querem manter o poder de decisão e deixar o Governo com as mãos atadas".

— Temos que usar todo o nosso poder de convencimento para que os banqueiros aceitem o sistema de capitalização automática.

O Diretor do Banco Boavista de Investimentos alertou ainda que a captação dos juros automática deve ser acompanhada de redução no balanço de pagamentos.

Reagan considera aumento da 'prime' injustificado

WASHINGTON — O Presidente Ronald Reagan afirmou que não "há qualquer razão satisfatória" para a elevação das taxas de juros nos Estados Unidos. Em discurso na Associação Nacional dos Corretores de Imóveis, procurou apenas destacar os aspectos positivos de seu governo — redução da inflação e dos impostos e menor controle sobre a economia.

— Todos nós sabemos que a baixa global das taxas de juros, apesar das altas recentes, também ajudou (a recuperação econômica), mas digolhes que não estamos contentes com

as recentes altas dos juros.

Reagan não se referiu à sua previsão de 12 de abril, segundo a qual as taxas de juros deverão cair antes de setembro. O Secretário de Imprensa da Casa Branca, Larry Speakes, disse que, para o Presidente, a culpa do aumento da taxa preferencial de juros (prime rate) para 12,5 por cento é da Reserva Federal (o Banco Central americano) e de fatores psicológicos.

— Com a inflação mais baixa e os planos de cortar o orçamento, ela (a prime) deve baixar.

Governo reverá meta se alta da taxa continuar

BRASÍLIA — O País terá que rever todos os seus planos econômicos, se a prime-rate (taxa preferencial de juros cobrada pelos bancos americanos) continuar subindo e chegar a 14 por cento ou 15 por cento, disse ontem o Presidente Figueiredo ao empresário Mário Garnero.

Garnero disse que o Presidente concordou com sua previsão de que a prime-rate pode aumentar até 2,5 pontos percentuais, nos próximos três ou quatro meses, pois já evoluiu de 11 por cento para 12,5 por cento este ano, o que já representa um prejuízo de US\$ 1 bilhão para o País. Figueiredo se mostrou preocupado com a possibilidade de que a prime-rate atinja níveis insuportáveis.

Para Figueiredo, sucessor poderá negociar melhor

BRASÍLIA — O Presidente Figueiredo disse ontem ao empresário Mário Garnero, em audiência no Palácio do Planalto, que o Governo de seu sucessor terá a estabilidade política necessária para que o País renegocie, "com todas as vantagens" sua dívida externa.

Figueiredo fez o comentário quando o Presidente do Grupo Brasilinvest informou-o de que alguns bancos internacionais têm manifestado o desejo de ampliar os financiamentos ao Brasil, mas condicionam os empréstimos à estabilidade política do País e ao próprio processo sucessório. O empresário afirmou ao Presidente que é preciso mostrar à comunidade internacional que o País caminha para a plena democracia.

Alfonsín condena os banqueiros

"A loucura parece ter-se apoderado de certos centros financeiros", afirmou ontem o Presidente da Argentina, Raul Alfonsín, ao comentar a elevação da taxa preferencial de juros americana (prime rate) de 12 por cento para 12,5 por cento. Dizendo-se "indignado" com a medida, Alfonsín comparou-a a uma "bomba de nêutrons às avessas, que deixa vivos os homens e as mulheres mas destrói o aparelho produtivo da nação".

A alta da prime em 1,5 ponto percentual, nos últimos dois meses, já ampliou a dívida externa argentina em US\$ 600 milhões.

● O Ministro da Economia do Peru, José Benavides, viaja no início da próxima semana para Washington. Vai reunir-se com representantes do Governo americano e de bancos internacionais para discutir as bases do acordo do FMI com o país.

● O Secretário Geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, disse ontem que apóia as gestões de parlamentares latino-americanos no sentido de fazer com que os Estados Unidos mudem o tratamento relacionado com a dívida externa dos países da América Latina.

● Os dirigentes dos bancos centrais dos países desenvolvidos chegaram, esta semana, ao consenso de que a única saída para a crise internacional de endividamento é aumentar os prazos de carência e de vencimento dos empréstimos concedidos ao Terceiro Mundo. A informação é do "Journal of Commerce", que cita fontes presentes ao encontro dos banqueiros, realizados a portas fechadas. O jornal disse, entretanto, que a proposta de capitalização dos juros (incorporação dos juros ao principal da dívida de longo prazo) despertou pouco interesse entre os participantes.